Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas:
Construindo Saberes e Compartilhando Experiências
Araquari/SC – Publicação Colaborativa de Professores e Pesquisadores
Edição nº 2 – Ano 2025 – ISSN (em processo de registro)

ENTREVISTA

A seção **Entrevista** tem como propósito promover diálogos com educadores e especialistas, trazendo diferentes olhares sobre a prática pedagógica e os desafios contemporâneos da educação.

Por meio dessas conversas, a *Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas: construindo saberes e compartilhando experiências* busca valorizar o compartilhamento de conhecimentos e vivências do cotidiano escolar. Acreditamos na importância da reflexão coletiva e da autoria docente para a construção de práticas educativas mais abertas, colaborativas e significativas.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA ANA LUCIA MARTINS ASSESSORA DO DEPUTADO FEDERAL PEDRO UCZAI

A entrevista a seguir, conduzida pela professora Carine Maria Cabral Costa[1], integrante do Comitê Editorial da Revista Práticas Pedagógicas Colaborativas, apresenta uma conversa com a professora Ana Lucia Martins.

[1] Mestranda em Educação - UFPR. Especialização em Educação Digital - SENAC e em Psicopedagogia – Uniasselvi.

Professora Carine: Professora Ana, agradeço imensamente por nos conceder essa conversa e permitir que conheçamos um pouco de sua trajetória como educadora. Para começarmos, poderia nos dizer seu nome completo e sua formação acadêmica?

Professora Ana Lucia Martins: Meu nome é Ana Lúcia Martins. Sou formada em Educação Física, com especialização em Educação Escolar e Psicomotricidade, e formação em Psicologia Corporal Reichiana, embora eu não tenha recebido o certificado por não ter entregue alguns documentos. Também possuo diversos cursos na área da educação, de consciência corporal, música, recreação, teatro e dança, campo no qual concentrei grande parte das minhas práticas.

Professora Carine: Onde você trabalha atualmente?

Professora Ana Lucia Martins: Atualmente trabalho como assessora do deputado federal Pedro Uczai.

Professora Carine: E há quanto tempo você atua como educadora e como assessora?

Professora Ana Lucia Martins: Atuo como educadora há cerca de 34 anos. Comecei muito jovem, em 1981, em um projeto do governo estadual da FUCABEM (assistência e educação de menores em Santa Catarina), seguindo as diretrizes da Política Nacional do Bem-Estar do Menor por meio da FUNABEM, uma entidade "subsidiária" da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, com pré-adolescentes carentes, quando ainda cursava o magistério. Em 1983, no Centro Educacional Dom Bosco, em Itajaí, também com crianças em situação de vulnerabilidade social. Em 1985/86, atuei nos Centros Comunitários Costa e Silva e Willy Schossland, com práticas pedagógicas, atendendo as crianças no contraturno escolar. Era um projeto que integrava alfabetização, arte e educação física, dentro de uma proposta de ensino integral. Atendíamos crianças no contraturno. Era um trabalho muito intenso. Mais tarde, passei a trabalhar com alfabetização na Sociedade Bakita e, já na faculdade, iniciei minha experiência na educação física no Cun Grano Salle, uma escola alternativa. Em 1986, passei no processo seletivo da educação municipal, onde comecei a atuar na pré-escola. Em 1992, passei a atuar como professora de educação na pré-escola e no ensino fundamental somente na rede municipal. Como assessora, atuo há 10 meses.

Professora Carine: Eu participei de um grupo de dança na Escola Municipal Virgínia Soares. Você lembra do programa?

Professora Ana Lucia Martins: Lembro sim. Era coordenado pela Fabíola Bernardes e integrava o PAE. Era um programa do estado muito significativo e também atendia crianças no contraturno escolar. Em 1987 iniciei a graduação em Educação Física, além do vestibular éramos submetidas (os) a uma prévia que incluía natação, atletismo, dança entre outras habilidades corporais, em uma dessas previas, na oficina de Dança, fui convidada para fazer aulas com o mestre Lucas David. Eu já era apaixonada por dança desde criança, mesmo sem compreender todos os papéis e funções desse campo. Sempre foi meu sonho ser bailarina. Quando entrei na faculdade, com 22 anos e já era mãe do meu filho Alison, mergulhei no universo da educação física. Minha maior preocupação era encontrar trabalho para me sustentar, sustentar meu filho e pagar a faculdade, não consegui me dedicar a dança como gostaria, e abandonei o sonho da infância. Na Cum Grano Salis escola alternativa de educação infantil, uma escola particular que seguia a metodologia de Madalena Freire, como professora de educação infantil com um olhar voltado para psicomotricidade e expressão corporal, foi lá que desenvolvi muito do meu olhar pedagógico: uma escola que incentivava pesquisa, observação e experimentação com as crianças, com base nas práticas e brincadeiras da minha própria infância, valorizando a cultura dos brinquedos e das brincadeiras do cotidiano das crianças da periferia. Eu me identificava profundamente com essa proposta libertadora.

Professora Carine: Você sempre trabalhou com educação infantil. Como eram construídas as suas atividades?

Professora Ana Lucia Martins: Sempre trabalhei com poucos recursos, então a criatividade era indispensável. Usava latas de leite, bolinhas de meia, materiais reciclados, garrafas PET, muita música, brincadeiras de roda, jogos e muita consciência corporal. Quando fui para o Ensino Fundamental, mantive a mesma abordagem: criar possibilidades a partir do que se tem, estimulando a criatividade e respeitando cada criança com suas habilidades e limitações. O brincar, a ludicidade, a arte, o movimento e a dança sempre foram minhas linguagens como professora. Nunca adotei uma visão disciplinadora rígida, priorizava a experiência. A dança era também um espaço de inclusão: nunca deixei nenhum aluno ou aluna de fora. Acredito que

todos podem aprender, cada um ao seu tempo, e isso sempre guiou minha prática. Aprendi muito com meus alunos e minhas alunas. Ao incluir crianças com deficiências físicas ou transtornos, minhas propostas sempre encontravam caminhos para que elas pudessem se expressar conforme suas limitações e habilidades. A dança revela habilidades individuais e potencializa sujeitos. Meu objetivo sempre foi que as crianças dessem o seu melhor.

Professora Carine: Como você construiu relações de confiança com seus alunos?

Professora Ana Lucia Martins: Eles diziam que eu era "exigente”. E eu realmente era, mas com carinho. Eu os estimulava a se desenvolverem em todas as suas habilidades e capacidades. O brincar era minha principal ferramenta. Cantávamos pelos corredores, brincávamos no caminho da sala até o bebedouro e inventávamos movimentos. Eu provocava, desafiava e acolhia, sempre com abraços, beijos e muito afeto. Celebrava cada conquista individual e coletiva. Até hoje encontro ex-alunos que lembram com afeto desse período e relatam o quanto minha mediação era prazerosa. Acredito profundamente que a afetividade é o veículo essencial da aprendizagem. Bell Hooks fala exatamente sobre isso: a aprendizagem significativa nasce do que nos afeta, do vínculo entre aluno e professor.

Professora Carine: Você conhece Bell Hooks? Sua fala se aproxima muito da pedagogia engajada.

Professora Ana Lucia Martins: Sim, conheço. Bell Hooks e Paulo Freire caminham juntos. Ela amplia Freire ao trazer centralmente questões de raça, gênero e classe, e mostra como alunos pobres, negros e mulheres encontram na educação uma possibilidade de existência e transformação. Ela traz essa abordagem em seu livro “Ensinando a Transgredir”. Paulo Freire sempre me marcou. O livro “Pedagogia do Amor” me tocou profundamente. Ele discute o papel da família e do professor que enxerga o aluno como sujeito. Lembro de um trecho em que um pai, para explicar ou justificar a rigidez na educação dos filhos e a sua ausência no acampamento escolar, trouxe exemplos da sua realidade vivida, da realidade dos seus filhos, questionando Paulo Freire sobre como ele vivia, como era formada a sua família, o tamanho da casa, o número de quartos. Ao descrever a sua realidade, o pai provoca a todos a pensar que a educação não acontece sozinha no espaço da escola, que as condições sociais e econômicas das crianças,

adolescentes e adultos que compõem esse núcleo familiar precisam ser consideradas no processo de ensino-aprendizagem, porque isso revela suas condições de vida e sua capacidade de aprender e se desenvolver academicamente. Essas reflexões me atravessam até hoje. Bell Hooks traz esse olhar para os sujeitos, considerando suas individualidades e atravessamentos sociais.

Professora Carine: Você trabalhou a maior parte do tempo na periferia. Como isso te constituiu?

Professora Ana Lucia Martins: Foi onde eu me encontrei. Há identidade, pertencimento, troca. Via crianças pequenas responsáveis por irmãos maiores, famílias com muitas dificuldades materiais, pais não alfabetizados. Esses reflexos da diversidade em sala de aula também faziam parte das minhas próprias vivências. Como exigir que esses pais acompanhem tarefas escolares se não têm condições. Por isso, acredito que a escola precisa ser mais do que conteúdo, precisa ser espaço de acolhimento, de vivência e compreensão do mundo à sua volta. A maioria das escolas em que trabalhei foi na periferia, e foram elas que me possibilitaram reconhecimento e pertencimento. Por isso, trazer as perspectivas de Bell Hooks e Paulo Freire é fundamental. Precisamos olhar para as individualidades que nossos alunos carregam de suas vivências para dentro da sala.

Professora Carine: Que conselhos você daria a futuros professores?

Professora Ana Lucia Martins: Apesar das dificuldades, acredito profundamente na potência da educação, especialmente nas periferias. Quando uma criança olha nos seus olhos e você vê ali uma abertura, é isso que me move. Sempre quis que cada aluno se sentisse capaz. Acredito que todos podem aprender, transgredir e criar seus próprios caminhos. Isso é pedagogia para mim. Na minha época, buscávamos muito a pesquisa. Estávamos sempre em seminários, cursos, congressos, muitas vezes sem conforto, mas presentes. A busca pelo conhecimento precisa ser permanente para o professor. Hoje, vejo muitos profissionais adoecidos. Não sei se é pela quantidade de alunos, pela precarização do trabalho, pela sobrecarga emocional. O professor perdeu espaços de diálogo e formação. Hoje, o que mais importa são os números, a nota da escola. Antes, tínhamos encontros, trocas; hoje, muitos trabalham isolados, focando no

resultado. Além disso, o professor muitas vezes assume papéis que não são seus. A interdisciplinaridade é essencial. O profissional da psicologia, o educador físico, a terapeuta educacional, as atividades de contraturno escolar são essenciais para diminuir a sobrecarga do professor em sala de aula. Além disso, houve uma inversão de valores, onde muitas famílias não respeitam o papel do professor, não respeitam os conteúdos que precisam ser ensinados para uma educação integral, verdadeiramente inclusiva, sendo exposto na mediação com as famílias, algo que deveria ser responsabilidade da gestão, orientação ou supervisão. Precisamos proteger esse profissional, que está vulnerável, com excesso de alunos em sala de aula, sendo excessivamente cobrado, e nem sempre conta com apoio de auxiliares, ou segundo professor para crianças com dificuldades de aprendizagem e com alguma deficiência. A sociedade mudou e o espaço da educação precisa acompanhar essa mudança. É visível que professores e professoras estão sobrecarregados(as). As inúmeras demandas impedem que o professor tenha acesso à formação continuada, à pesquisa, à formação acadêmica e desenvolva plenamente seu trabalho pedagógico. O professor precisa ser cuidado, estimulado, ter acesso a cursos, encontros e formações continuadas. Professores(as) precisam se sentir valorizados(as), estimulados, financeiramente, na sua carreira e na sua prática. Sou de uma geração que buscava muitas formações, isso me permitia atuar de maneira integral. Era um prazer estar em sala de aula, as condições não eram as mesmas que temos hoje. Nossa formação profissional é essencial, sim, mas educação é afeto, contato, troca, interação. As crianças precisam brincar, se expressar, interagir. Nós também precisamos disso. Não adianta ler todos os livros da biblioteca se nada nos afeta no corpo. A vida exige sensibilidade, movimento, encontro.

Professora Carine: Muito obrigada, Ana, por nos ter concedido essa entrevista e por permitir que conheçamos um pouquinho de sua trajetória como professora. Suas palavras nos trazem reconhecimento, alívio e motivação para que consigamos dar continuidade aos objetivos que nos constituem como profissionais responsáveis com a formação educacional.